

## ACULTURAÇÃO — ALGUMAS OBSERVAÇÕES

por  
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA \*

Na sua famosa e muito citada palestra «O Açoriano e os Açores», Vitorino Nemésio, ao esboçar a tipologia psicológica do terceirense, afirma:

Na América do Norte, como todo o açoriano, é expedito a ordenhar, a vigiar as ovelhas da Califórnia, como outrora era mestre na arte de pesquisar o oiro das cobichadas pepitas. Mas ao contrário do que vulgarmente se afirma, não pode estrangeirar-se. Se, em contacto com o Yankee, apanha um pouco de picaresco *charleston* — «oh, sim! *it is enough* — bastante!» — no fundo ficou o que era: um português do meio do mar, sempre saudoso das reticências de lava donde o tirou um dia o *steamership* da *Fabre*. O terceirense que deita até Bastão (o seu Boston), tem uma ambição sobre todas: voltar daí a meia dúzia de anos com uma farpela decente, umas botas de bico inchado como uma batata doce e os pesos bastantes para comprar uns doze alqueires de terra ao morgado que rebentou. Mas alguns saem desta doirada mediania e compram vacas na América, uma *estoa*, chegando às vezes a raiar pelos gordos interesses dos *trusts* e das operações de alta banca. São — os próprios continentais o confessam — o escol da emigração portuguesa no Novo Mundo<sup>1</sup>.

---

\* Universidade de Brown.

<sup>1</sup> (Porto : Renascença Portuguesa, 1929), p. 14.

Porque esta passagem de Vitorino Nemésio contém um punhado de clichés, que ainda hoje se repetem, sobre o imigrante açoriano — embora ele se refira explicitamente ao terceirense — pareceu-se ser a análise dessas afirmações um bom ponto de partida para uma reflexão sobre os problemas da aculturação entre os emigrantes<sup>2</sup>. Devo acrescentar, porém, que não importaria vir aqui corrigir essa perspectiva se se tratasse apenas de uma visão incorrecta de Nemésio mas já hoje sem qualquer sobrevivência. Para demonstrar que essa é, todavia, uma ideia ainda corrente, aqui ficam os três parágrafos iniciais de um recente editorial do jornal *Diário de Notícias* intitulado «Defender o que é nosso», onde se expressa idêntico ponto de vista:

Cairia numa imprecisão quem afirmasse que, ao longo do tempo, a defesa da língua e da cultura portuguesas constituíram no nosso país uma das preocupações salientes.

Mesmo alguns escritores se esmeraram em introduzir nas suas prosas uma dispensável profusão de galicismos. E ainda em fase não distante um cidadão, no seu círculo de contactos, era mais apreciado por falar fluentemente o francês ou o inglês do que por se exprimir de acordo com as boas regras do português.

<sup>2</sup> Como já escrevi em muitos lugares sobre esta temática, farei o possível por não vir aqui repetir-me. Desculpem-me, por isso, que remeta os leitores interessados para alguns desses outros textos. De entre eles, salientarei «Identidade Cultural: conflitos solúveis e insolúveis», in Eduardo Mayone Dias (Org.), *Portugueses na América do Norte* (Lisboa: Peregrinação, 1986), pp. 41-55, e algumas páginas da entrevista à revista *Peregrinação*, n.º 9, 1985, pp. 68-70. As passagens dessa entrevista sobre o problema da identidade cultural e da aculturação foram incluídas no meu livro *L(USA)lândia — A Décima Ilha*, a sair na colecção «Diáspora» da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais / Direcção dos Serviços de Emigração, durante o ano de 1988.

Também porque esta comunicação é apenas um apanhado de observações genéricas sobre o problema da aculturação e aqui lançadas sem grande preocupação sistemática, pareceu-me desnecessário apontar bibliografia relacionada.

Isto terá muito a ver com a nossa tradicional maneira de estar na vida, muito pouco voltada para a identidade própria e particularmente atenta às modas de além-fronteiras. Daqui a reconhecida facilidade como os nossos emigrantes se adaptam a outros ambientes<sup>3</sup>.

A minha experiência de contacto com a emigração (e ela não se limita à América e Canadá, mas estende-se à América do Sul e Europa) faz-me crer que essa visão não é bem exacta. Explico porquê.

É apenas vistos da terra de onde partem que os emigrantes se apresentam como assimilados pela nova cultura — aculturados. Quando vistos do país que os recebe, essa aculturação revela-se bem superficial. O elemento mais revelador é a língua. Raramente a falam para além do razoável. Na maioria dos casos, falam uma língua adoptiva de sobrevivência. O mais comum é continuarem a falar o português salpicado de vocábulos e expressões que denotam realidades culturais novas (ao menos para eles).

Quando o emigrante injecta o seu português de vocábulos franceses ou ingleses sobre automóveis, é porque no seu dia-a-dia em Portugal o vocábulo português relacionado com o automóvel não fazia parte do seu léxico, pela simples razão de que ele não possuía carro.

Mas as outras facetas da aculturação também se revelam superficiais quando analisadas com atenção. Grande parte delas são meras adaptações de sobrevivência que abandonam imediatamente logo que regressam a Portugal — determinados hábitos de trabalho, por exemplo.

Mais ainda: tudo o que o emigrante pode levar consigo, ou até mesmo tudo o que ele consegue reconstruir do Portugal que deixou no novo país, fá-lo: cozinha, festas, música, amizades, etc. Daí que, vistos do país de adopção, eles sejam notoriamente portugueses em tudo e fazem

<sup>3</sup> *Diário de Notícias*, 22/11/1987.

questão de continuar a sê-lo. Não por patriotismo, mas porque é assim que parecem funcionar os seres humanos. E não só os portugueses.

Evidentemente que os filhos, esses aculturam-se mais facilmente. As razões são outras. Fundamentalmente, é a idade. Quanto mais jovens, mais moldáveis. Lei universal também. Por outro lado, o grupo do emigrante culto resiste mais à aculturação. Já sai com mais recursos de sobrevivência.

O que o editorial do *Diário de Notícias* deveria ter distinguido era o complexo nacional do «lá fora é que é bem» (quando os portugueses falam entre si) e que leva à adopção fácil de tudo o que vem de fora. Mas também aqui essa aculturação é, em regra, superficial, de mera imitação competitiva para ganhar pontos sociais sobre os colegas. (O fenómeno vai até aos intelectuais, a ponto de atingir aí características bem específicas). É da classe média para cima que a possibilidade de acesso ao estrangeiro proporciona trunfos de ascensão social sobre vizinhos, colegas e amigos. Mas essa «estrangeirização», muitas vezes mero fogo-de-vista, é também superficial. Forçada, quase sempre. A não ser quando se trata da aquisição de produtos estrangeiros, porque aí, então, trata-se de algo mais duradouro. Mas a imitação do estrangeiro da parte dos que ficam é normalmente buscada. A imitação dos que vão é um contágio inevitável e, em defesa por vezes inconsciente, eles voltam-se para o que deixaram atrás. Para quem vem de fora, Portugal continua, no seu conjunto, um país preso ao passado. Se quiserem, à sua identidade. A modernidade surge sobretudo nas falas, nos discursos, nos jornais, nos livros. Se isso é bom ou não, não cabe aqui em poucas linhas ajuizar.

No conservadorismo cultural português (e quase todas as culturas são assim) há mais fascínio pelo estrangeiro entre os que ficam do que entre os que foram. Talvez mesmo porque os que ficam ainda não foram para o estran-

geiro o tempo suficiente (como o emigrante) para terem saudades da pátria, que o mesmo é dizer, de voltarem a ser sem empecilhos o que gostam de ser. E gosta-se de ser (é quase uma lei natural) aquilo que aprendemos a ser na infância, na adolescência, na juventude, quando o que nos rodeia nos marca para sempre. No fundo, é isso, pelo menos em parte, o patriotismo. Um fenómeno bem natural, aliás. Bem universal portanto. Escolhemos o que somos.

A aculturação é inevitável e não deve ser apontada ao emigrante como um defeito. Ele não poderá sobreviver se não se adaptar, se não assimilar aspectos, facetas, segmentos da nova cultura — desde os hábitos de trabalho, aos hábitos de trânsito ou normas legais — mas isso não significa que as pessoas possam facilmente despir o fato da terra de origem e vestir outro.

O exemplo da língua é revelador: em geral, antes da puberdade, um ser humano normal pode aprender a reproduzir qualquer som — é por isso que as crianças chinesas aprendem as centenas de sons da sua língua. Após a puberdade, ou pelo menos depois da adolescência, é, em geral, impossível para um indivíduo<sup>4</sup>, após esse período, reproduzir correctamente sons alheios<sup>5</sup> ao elenco fonético da sua

<sup>4</sup> A não ser pessoas especialmente dotadas para reproduzir sons, como são, por exemplo, os imitadores de sotaques ou vozes.

<sup>5</sup> Estas generalizações são baseadas nas minhas experiências, mas essas experiências têm sido tanto quanto possível confrontadas com as teorias em circulação nas obras da especialidade. Sobre o caso específico da aprendizagem de uma língua estrangeira, nunca encontrei em parte alguma razões convincentes que explicassem as generalizações acima feitas. Já quando este texto estava concluído e na redacção encontrei uma confirmação da minha evidência negativa. A pergunta: «Porque é que o ensino de língua a adultos é tão difícil, enquanto as crianças aprendem tão depressa uma língua sem nenhuma instrução?», Noam Chomsky respondeu: «Os cientistas desconhecem a resposta. Algo deve acontecer no cérebro por alturas da puberdade. Ninguém sabe muito sobre isso, mas não seria um

língua. Daí que uma pessoa nessas condições fale sempre a língua estrangeira com sotaque. Ora, isso que se passa a nível linguístico, passa-se, em termos genéricos, a nível cultural, no sentido global do termo. É possível uma pessoa, consoante as suas capacidades ou dotes, adaptar-se mais nesta ou naquela área, mas, no todo, a passagem de uma cultura para a outra não se dá completamente<sup>6</sup>.

Há os casos, às vezes dramáticos, das pessoas que precisam fortemente de se identificar com um grupo e que dão consigo a meio caminho entre um lado e o outro sem poderem optar. Vivem repartidas. Não se sentem já de onde saíram, nem são ainda da sua nova pátria. As vezes regressam e apercebem-se então daquela grande verdade

---

facto surpreendente. A maioria das capacidades biológicas tem um tempo específico durante o qual elas devem funcionar e não funcionam nem antes nem depois desse período» (Noam Chomsky, *Language and Problems of Knowledge*, Cambridge, Mass: The MIT Press, 1988, p. 179).

<sup>6</sup> Em diversos outros ensaios tenho tentado defender estes pontos de vista e justificá-los, pelo que não valerá a pena repetir-me. Sob risco de me apontarem o desplante da auto-referência, prefiro remeter o leitor interessado para o «Sobre o sentido de *A Minha pátria é a língua portuguesa* (Fernando Pessoa - Bernardo Soares)», in *Colóquio-Letras*, n.º 97 (1987), pp. 37-47, onde procuro demonstrar que o caso de Pessoa e a sua suposta «escolha» da língua portuguesa é apenas um caso normal. No conto do meu (*Sapa)teia Americana*, «Era-lhe pátria aquela língua», decalcado na frase de Pessoa, procuro aliás, demonstrar que a história simples do Mr. de Barboza, da Bermuda, é igualíssima à de Fernando Pessoa. Ambos se extasiavam a ouvir a língua que lhes foi berço e é nela que se sentem em casa. Tanto nesses contos como no teatro (*Ah! Mònim dum Corisco!*) tentei exactamente, entre outras coisas, demonstrar que o imigrante, quanto mais tarde sai da sua terra, menos assimila o «novo mundo».

que o escritor americano Tom Wolf consagrou no título do seu famoso romance *You cant' go home again*<sup>7</sup>.

Glosei uma vez este tema modificando-lhe um pouco o sentido, sugerindo que «não se regressa a *de onde* nunca se partiu», exactamente para vincar a ideia de que adulto nunca deixa, de facto, o lugar onde cresceu e viveu. Ainda que fisicamente o faça e até nem regresse, procura reproduzi-lo tanto quanto possível no lugar de fixação.

No caso de imigrantes que eliminam ou desdenham o mundo de onde partiram, há que procurar razões especiais — experiências más, como a fome ou outras privações, excesso de imposições políticas, sociais ou religiosas sobre o seu modo de ser. O mais normal é o imigrante sentir-se afectivamente ligado para sempre ao meio que foi e fica sendo sempre o dele.

Por vezes esses traumas da infância e adolescência são especialmente violentos e provocam a rejeição ostensiva e provocadora.

A um imigrante que uma vez se me gabava de ter eliminado a sua terra da memória (supunha ele, ao menos) e que não queria ter nada mais a ver com ela, respondi-lhe não em graça: «Quem não é da sua terra não merece ser de parte nenhuma». Reconheço, porém, a violência da minha resposta. Deveria ter auscultado as razões que teriam levado a tal rejeição do passado. Com efeito, é preciso um sentido de segurança forte para se assumir um passado doloroso ou simplesmente de más recordações.

Essa defesa da necessidade de se assumir e preservar o passado não implica que o emigrante não deva alargar os seus horizontes e integrar-se o máximo possível na

---

<sup>7</sup> *Não se pode regressar a casa*. A ideia fundamental é de que o mundo de onde se partiu vai mudando e quem saiu também mudou. Quando se regressa esperando reencontrar o mundo que se deixou tal como estava à partida, sobrevem a desilusão, porque ele não pode ser reencontrado.

sociedade para onde emigra. De há anos para cá, nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos, diversos líderes da opinião pública têm mesmo insistido na necessidade de os emigrantes portugueses se integrarem mais na sociedade onde agora vivem. É um erro manterem-se alienados dela, vivendo na saudade a pátria-berço distante, já que tal atitude só os prejudica. Tem-se procurado o meio termo entre a defesa e conservação legítima das raízes, da cultura que levam consigo, e a inserção no meio americano que lhes dá mais oportunidades de diversa ordem e lhes permitirá melhor desenvolvimento global. A solução adequada para essas duas tensões é importante até mesmo para o equilíbrio emocional dos imigrantes.

No fundo, essa solução de meio termo para o emigrante acarreta consigo ganhos e perdas, porque nem todos conseguem harmonizar dentro de si a vivência de dois mundos tão diversos, e por isso encontram a saída mais fácil na inserção do seu novo pequeno mundo onde as duas margens convergem — a L(USA)lândia — que nem sempre é vista com bons olhos tanto do lado americano como do lado português. Mas tais soluções são inevitáveis no processo histórico humano. No caso das comunidades portuguesas, isso não se repetirá porque a cultura híbrida da L(USA)-lândia é apenas de transição. As gerações seguintes serão já americanas e inserir-se-ão no vasto mundo americano.

Concluirei estes apontamentos avulsos sobre a aculturação com mais uma observação óbvia: não há nenhuma razão metafísica para uma pessoa se conservar portuguesa, nem há necessidade transcendente também de ela se fazer americana. Há, sim, leis psicológicas — que talvez não sejam sequer universais, pelo menos no sentido de que não se poderão aplicar a cada indivíduo com a mesma intensidade — que condicionam o emigrante de uma cultura e imigrante noutra a criar mecanismos de sobrevivência e de equilíbrio entre esses dois mundos. A aculturação dá-se é nele. Mas as proporções e os graus de intensidade variam

de indivíduo para indivíduo. Das limitações de toda a ordem e das possibilidades inatas e adquiridas de cada um. Mas também dos próprios gostos.

Afinal, nada mais pretendo com estas notas do que defender a atitude sadia de respeitar essas quase-leis da natureza de que o mundo que foi o nosso fica connosco e não é necessário enjeitá-lo. Se cada vez mais no mundo de hoje os horizontes de cada um se devem alargar, é humanamente sadio que isso se faça sem se ter de rejeitar parte de nós. Porque, no fundo, o imigrante não emigra. Simplesmente alarga fronteiras. E se nem sempre parece assim, seria, ao menos, bom que fosse. Porque pode sê-lo.